

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO

Leandro Martins dos SANTOS

Esaú e Jacó de Machado de Assis

Trabalho Temático produzido
para o Curso de Graduação em
Sociologia e Política

São Paulo, 2008

A obra escrita por Machado de Assis centraliza a vida e as discórdias (brigas) dos gêmeos Pedro e Paulo que desde o útero materno até o fim da vida não conseguem estabelecer qualquer laço de amizade permanente. Com uma narração ambígua em 3ª pessoa pelo Conselheiro Aires (personagem da obra) o narrador coloca em diversos momentos suas opiniões utilizando-se da primeira pessoa.

Desta forma o enredo não é o fator determinante para o desfecho da obra que é narrado através de um discurso livre recheado a todo instante de ambivalências, dando consciência (quando narrada em 3ª pessoa) e vida aos personagens e suas ações (quando narrado em 1ª pessoa), sendo que a própria passagem dos personagens (história) preenche de sentido a narração exposta. O texto mostra de forma realista como as relações de poder são quistas e exercidas pelos personagens, sendo estas relações o fio condutor de análise da obra que será exposta neste trabalho.

Com isso, não pretendo aqui apresentar um resumo da obra, ou até mesmo minhas opiniões pessoais sobre o romance, mas acima de tudo, mostrar uma leitura que interpreta as relações de poder, na qual considero possível.

Segundo Paul-Michel Foucault (filósofo francês do século XX, que analisou as estruturas de poder e as hierarquias sociais) em sua obra intitulada “A Vontade do Saber” o poder se define como: *“O poder se exerce. Isto é, o poder é ato; é algo que se pratica ou se sofre, não algo que se possui ou não, podendo ser transferido. O poder é absolutamente material e intrínseco às relações humanas”*.¹ Desta forma o que se percebe desde o início da obra e na continuidade de suas relações (considerando o papel e as ações de todos os principais personagens), é a constante institucionalização das relações de poder, que procuram a cada trecho projetar os personagens a situações de destaque, força, conquista ou expressão singular de superioridade em cada contexto explorado pelo autor.

O pai dos gêmeos Sr Santos, quando recebeu o título de Barão de Santos tornando por consequência sua esposa Natividade como Baronesa, não só comemorou o fato, mas iniciou o processo de mudança de opinião, que se antes jamais envolveria o título da família na condenação das instituições (opinião republicana), mas que depois não só publicou junto à corte a carta escrita pelo filho Paulo, como também aspirou a um cargo de deputado na Câmara, no sentido de utilizar esta como degrau para o Senado. Os filhos como que através de uma herança

¹ FOUCAULT, M. – “O PODER como relação” – Revista Discutindo Filosofia, São Paulo, Ano I, nº 6, p. 42 – Editora Escala Educacional.

comportamental, desde o início, já se espelhavam em Luiz XVI ou Robespierre, projetando suas opiniões e quem sabe futuros atos, em uma simples compra de quadros. Nota-se aqui que embora a narrativa possa explicitar uma simples relação contraditória ou discordante de opiniões entre irmãos, o que Pedro e Paulo buscavam nestes ilustres personagens próprios da Revolução Francesa, é a influencia e poder exercido por ambos, mesmo que em caráter conservador ou revolucionário.

Mesmo a decisão dos pais de afastá-los para que pudessem estudar em lugares diferentes, não foi suficiente para eliminar as discórdias entre os gêmeos e nem a luta para ver quem venceria e alcançaria o poder de realizar, conquistar, influenciar, mudar ou manter aquilo que era de agrado ou desagrado.

Flora a moça pela qual Pedro e Paulo aspiravam a conquistar, também se via envolvida em Relações de Poder oriundas da sua base familiar. Seu pai Sr. Batista membro do partido conservador, ex-presidente de província, sempre manifestava a saudade que sentia do poder: “*Hão de chamar-me, deixa estar*”, p. 66. Influenciado por sua esposa D. Claudia, a qual incitou-o para que acreditasse em sua posição liberal e assim pudesse reconquistar uma nova posição presidencial frente a uma província, fez que o Sr. Batista tentado e principalmente seduzido pelo poder, se convencesse e finalmente aceitasse uma nova posição, agora sob o tino do governo liberal.

O próprio baile da Ilha Fiscal (*nota do texto: grandioso baile oferecido pelo imperador Pedro II a oficiais da Marinha que visitavam o Brasil*) foi considerado pela esposa do Sr. Batista, D. Claudia, como um evento político que deveria abrir portas para alguma presidência.

Natividade (mãe dos gêmeos) na angústia de encontrar algum caminho para eliminar definitivamente a discórdia e rivalidade entre seus filhos, pede ao Conselheiro Aires ajuda para que este intervenha, junto a Pedro e Paulo, e os oriente para que este desgosto seja eliminado. Personagem interessante este Conselheiro Aires. Dá-se automaticamente poder ao narrar a história e ao mesmo tempo coloca-se como personagem conselheiro, onde todos o procuram para buscar um caminho. Nota-se aqui a importante influência que o Conselheiro Aires exerce sobre todos, direcionando as ações para o ponto de vista que mais lhe anima. O fato de se colocar a disposição de quem quer que lhe procure, o faz naturalmente centro das consultas decisivas que ocorrem no meio.

E o que diremos do próprio movimento revolucionário e a revolução, exercendo seu poder de parar a cidade, fechar os estabelecimentos e “encarcerar” as pessoas em suas casas e em seus

pensamentos. E nos meandros da revolução Paulo, o mais revolucionário, buscava na cidade outros da mesma idade e intimidade com seus pensamentos; enquanto Pedro, o mais conservador, chamava a revolução de crime e calava-se a pedido da mãe para que não houvesse mais brigas. Nota-se aqui que ambos independente do que achavam ou entendiam dos motivos revolucionários e o que estes representavam, buscavam na verdade apoio, corpos que somados a eles pudessem afirmar posições onde cada um mostrasse sua força, que se pode traduzir em poder de sua posição. De nada adiantava. Tanto as investidas do Conselheiro Aires, como também as ações e pedidos de Natividade eram suficientes para cessar a discórdia existente entre os gêmeos. Não se tratava de algo pessoal, e sim de busca e consolidação de poder, que melhor projetasse cada um deles em sua convicção. Idéias contrárias a parte, o que valia era a conquista do poder.

As infrutíferas tentativas de conquistar Flora, se justificavam porque não havia engajamento para as características pessoais, e sim mais uma disputa pelo próprio poder da conquista, projetado nas convicções e idéias de cada um. Não que idéias políticas contrárias sejam malévolas, mas quando estas estão necessariamente ligadas a busca de poder, as discórdias deixam de ser democráticas para serem pessoais.

Justifica-se isto quando ambos, contrariando seus estudos iniciais com potenciais carreiras jurídicas ou médicas, ingressam na Câmara dos Deputados, levando a disputa pelo poder entrelaçado em suas convicções, para um outro patamar. Percebe-se aqui que os ideais e principalmente as finalidades não direcionam a política estabelecida ao bem publico ou qualquer coisa que o valha, mas sim a sempre persistência de buscar a consolidação da convicção individual pela expressão da conquista de poder.

Mesmo a morte de Flora e o pedido de Natividade que em seu leito de morte suplicou a amizade de ambos, não foram suficientes para que os gêmeos crivassem a pedra da amizade perpétua deixando de lado convicções e pensamentos particulares. Embora a Cabocla houvesse dito a Natividade que seus filhos seriam grandes, e realmente foram, a ambição pelo poder impediu-os de evitar o que se anunciava desde o útero materno.

Somente a desistência por qualquer de uma das partes (qualquer um dos gêmeos) da busca pelo poder poderia impedir uma vida de discórdia e inimizade, e sendo a necessidade desta busca o elemento hereditário familiar vigente, o destino não poderia ser outro. Termino a finalização da leitura que faço da obra com mais uma máxima de Paul-Michel Foucault: *“As relações de poder são imanentes. O que significa dizer que o poder não está numa espécie de superestrutura, como mecanismo ideológico, como querem os marxistas; as relações de poder emanam das próprias*

relações sociais – econômicas – políticas, familiares, etc.”² Neste caso, as posições políticas e discórdias entre Pedro e Paulo, não poderiam ser vistas apenas como ideologias ou até mesmo busca de um poder fixo e estruturado nas instituições (Câmara dos Deputados) e sim como algo imanente na relação entre eles.

² FOUCAULT, M. – “O PODER como relação” – Revista Discutindo Filosofia, São Paulo, Ano I, nº 6, p. 42 – Editora Escala Educacional.